



Explorando gênero e igualdade por meio da música “Imagine” e suas interseccionalidades no ensino de língua inglesa

Exploring gender and equality through the song “Imagine” and its intersectionalities in English language teaching

Dayanny Marins COELHO*^{ID}

Samara Leandro de OLIVEIRA**^{ID}

RESUMO: A música tem se mostrado uma ferramenta pedagógica relevante para promover não apenas a aprendizagem linguística, mas também a reflexão crítica em sala de aula. Nesse contexto, este artigo investiga o uso da canção “Imagine”, de John Lennon, na versão interpretada pelo grupo Pentatonix, em aulas de Língua Inglesa, com vistas a discutir questões sociais contemporâneas, especialmente normas de gênero, masculinidades tóxicas e inclusão social. O objetivo central é analisar como a integração da música em um contexto pedagógico pode favorecer a construção de um espaço dialógico no qual estudantes problematizem discursos normativos e reflitam sobre identidades plurais, articulando língua, cultura e consciência social. A pesquisa foi conduzida em uma universidade pública no interior de Goiás, com 10 alunos/as do sexto período do curso de Letras, sendo sete deles participantes efetivos de análise. A metodologia adotada caracteriza-se como estudo de caso, com abordagem qualitativa e naturalista (Lüdke; André, 1986; Stake, 1999; Yin, 2005), fundamentando-se em referenciais teóricos de Beauvoir (1967), Butler (2003), Fairclough (2008), Fanon (2008), Foucault (2011), Hooks (2015) e Louro (2016). A aula foi organizada em etapas que contemplaram a exibição do videoclipe, a análise da letra, atividades em grupo e uma roda de conversa, a fim de possibilitar múltiplas interações com a canção e seus significados. Os resultados revelam que a atividade possibilitou discussões críticas sobre paz, igualdade social, diversidade cultural e solidariedade, evidenciando sensibilização dos/as estudantes frente às desigualdades e às normas de gênero que estruturam a sociedade. As falas analisadas mostraram que a música funcionou como catalisadora de reflexões sobre inclusão e equidade, reforçadas pela performance à capela do Pentatonix, cuja diversidade de vozes e representações visuais intensificou o caráter estético e crítico da experiência. Conclui-se que a integração de recursos artísticos, como a música, no ensino de Língua Inglesa extrapola a aprendizagem de estruturas linguísticas, contribuindo de forma significativa para a formação cidadã e reflexiva dos/as alunos/as. Nesse sentido, recomenda-se a continuidade da exploração de práticas pedagógicas que articulem ensino de línguas e reflexão social, com vistas à construção de ambientes educacionais mais inclusivos, críticos e emancipadores.

* Doutoranda em Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás (UFG). Goiânia, GO – Brasil.
dayannypnn@hotmail.com

** Mestra em Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás (UFG). Goiânia, GO – Brasil.
samaraleandro2011@gmail.com

PALAVRAS-CHAVE: Práticas educacionais. Inclusão. Reflexividade. Língua inglesa.

ABSTRACT: Music has proven to be a relevant pedagogical tool for promoting not only language learning but also critical reflection in the classroom. In this context, this article investigates the use of the song “Imagine” by John Lennon, in the version performed by the group Pentatonix, in English language classes, aiming to discuss contemporary social issues, particularly gender norms, toxic masculinities, and social inclusion. The main objective is to analyze how the integration of music in a pedagogical context can foster the construction of a dialogical space in which students critically examine normative discourses and reflect on plural identities, articulating language, culture, and social awareness. The research was conducted at a public university in the interior of Goiás, with 10 sixth-semester students of the Language and Literature program, seven of whom actively participated in the analysis. The methodology adopted is characterized as a case study with a qualitative and naturalistic approach (Lüdke; André, 1986; Stake, 1999; Yin, 2005), grounded in theoretical frameworks by Beauvoir (1967), Butler (2003), Fairclough (2008), Fanon (2008), Foucault (2011), Hooks (2015), and Louro (2016). The class was organized in stages that included the videoclip screening, lyrics analysis, group activities, and a discussion circle, enabling multiple interactions with the song and its meanings. The results indicate that the activity facilitated critical discussions on peace, social equality, cultural diversity, and solidarity, highlighting students’ awareness of social inequalities and the gender norms that structure society. The analyzed statements demonstrated that the song acted as a catalyst for reflections on inclusion and equity, reinforced by Pentatonix’s a cappella performance, whose diversity of voices and visual representations intensified the aesthetic and critical dimension of the experience. It is concluded that integrating artistic resources, such as music, into English language teaching goes beyond the learning of linguistic structures, significantly contributing to students’ civic and reflective development. In this sense, the continuation of pedagogical practices that articulate language teaching and social reflection is recommended, aiming at the construction of more inclusive, critical, and emancipatory educational environments.

KEYWORDS: Educational practices. Inclusion. Reflexivity. English language.

Artigo recebido em: 28.08.2024

Artigo aprovado em: 25.08.2025

1 Notas Iniciais

A diversidade cultural é um conceito fundamental para compreender as complexas dinâmicas que moldam nossa sociedade, refletindo a multiplicidade de identidades e experiências humanas. Este artigo se propõe a explorar essa diversidade, com foco específico em como questões de gênero, raça e classe social são representadas e discutidas tanto nas práticas educacionais quanto na vida cotidiana. Ao considerar a diversidade de gênero, por exemplo, o artigo destaca a importância de ir além do binário tradicional masculino-feminino e abraçar identidades não binárias e trans.

Da mesma forma, a análise das questões raciais revela a persistência do racismo estrutural e institucional, que perpetua desigualdades significativas e afeta desproporcionalmente a vida de indivíduos e comunidades. A questão da classe social ilustra disparidades econômicas que limitam o acesso a oportunidades e perpetuam ciclos de exclusão. Além disso, a diversidade cultural inclui aspectos como orientação sexual, religião, espiritualidade, necessidades de diferentes faixas etárias e aptidões, essenciais para uma compreensão abrangente da pluralidade humana.

Nesse contexto, este artigo também examina como a música pode ser uma ferramenta eficaz para abordar essas questões de diversidade cultural. Especificamente, o texto investiga como a música “Imagine”, de John Lennon, interpretada pelo grupo Pentatonix, foi integrada em uma aula de Língua Inglesa. A escolha dessa canção, conhecida por sua mensagem universal e atemporal, foi motivada pelo desejo de explorar o impacto das letras e da interpretação musical na formação de opinião e na compreensão crítica dos/as alunos/as. Utilizando “Imagine” como um recurso pedagógico, foram propostas atividades que visavam não apenas à compreensão auditiva e à análise literária, mas também à reflexão crítica sobre temas como paz global, igualdade social e solidariedade.

O artigo discute os métodos utilizados para incorporar a música “Imagine” nas atividades de aula, as respostas dos/as alunos/as às questões levantadas e os desafios encontrados durante o processo. A análise do impacto da interpretação de Pentatonix objetiva demonstrar como essa abordagem contribuiu para uma experiência de aprendizagem mais rica e envolvente, oferecendo uma visão holística sobre como a música pode servir para promover a diversidade cultural e fomentar a compreensão e o respeito mútuo. Assim, a discussão sobre a integração da música no ensino destaca a importância de ferramentas pedagógicas que celebrem e respeitem a multiplicidade de identidades e experiências, contribuindo para a construção de um ambiente educacional que valorize a equidade e a inclusão.

Como referencial teórico, o estudo se apoia nas contribuições de autores que oferecem perspectivas profundas sobre normas de gênero e masculinidades tóxicas, refletindo sobre a complexidade desses fenômenos na sociedade contemporânea. Inspiramo-nos em Beauvoir (1967) e Butler (2003) para discutir as construções sociais de gênero e suas implicações, enquanto Louro (2016) fornece uma visão sobre a construção e desconstrução de normas de gênero. Fairclough (2008) e Foucault (2011) oferecem uma análise crítica das práticas discursivas e do poder, ajudando a entender como as normas de gênero são reforçadas e desafiadas. Fanon (2008) e Hooks (2015) contribuem com reflexões sobre as interseccionalidades entre raça, gênero e classe social, ampliando a discussão sobre masculinidades tóxicas e suas implicações sociais.

As discussões ocorreram em uma universidade pública localizada no interior do estado de Goiás, no sexto período do curso de Letras. A metodologia adotada para este estudo configura-se como um estudo de caso, que foca um evento específico e singular para explorar uma experiência particular, alinhando-se às abordagens de Lüdke e André (1986), Stake (1999) e Yin (2005). A pesquisa é conduzida por meio de uma abordagem qualitativa e naturalista, com o objetivo de interpretar e atribuir significados aos dados coletados, conforme Denzin e Lincoln (2013) e Mello e Rees (2011).

O presente artigo está dividido em seis partes. Na segunda, apresentamos algumas considerações sobre o conceito de gênero e igualdade. Em seguida, refletimos sobre o uso da música como uma ferramenta pedagógica no ensino de línguas e na promoção da conscientização social por meio da integração de temas críticos. Na quarta parte, abordamos a interseccionalidade no ensino de línguas, levando em consideração os seus desafios e as potencialidades. Na quinta parte, descrevemos os procedimentos metodológicos adotados no desenvolvimento do estudo. Na sexta parte, trazemos algumas tentativas de análise sobre o estudo de caso implementado e os resultados obtidos. Por fim, na sétima parte, expomos as considerações finais.

2 Gênero e igualdade: definições e perspectiva

A definição de gênero e igualdade está profundamente enraizada na história das lutas sociais por reconhecimento e direitos iguais. Historicamente, o gênero tem sido compreendido como uma construção social que determina papéis e expectativas para homens e mulheres, resultando em desigualdades estruturais. Com o tempo, os estudos de gênero evoluíram, destacando não apenas a opressão baseada no sexo, mas também a necessidade de incluir outras identidades, como as de pessoas LGBTQIA+ (Butler, 2003; Connell, 2009). A evolução desses estudos levou ao reconhecimento da interseccionalidade como um conceito crucial. Introduzido por Crenshaw (1989), esse princípio reconhece que as pessoas podem sofrer múltiplas formas de discriminação simultaneamente, como gênero, raça, classe e sexualidade. Isso permite uma análise mais complexa das experiências de opressão e facilita a criação de estratégias mais eficazes para a promoção da igualdade de gênero, abrangendo todas as dimensões da identidade e suas interações.

Hooks (2015) enfatiza a importância de reconhecer as intersecções de opressão, especialmente ao discutir gênero e raça, argumentando que a luta pela igualdade de gênero deve ser inclusiva e atenta às diversas experiências das mulheres, principalmente as marginalizadas. Sua perspectiva reforça a necessidade de uma abordagem interseccional ao tratar de questões de gênero, essencial para evitar a exclusão das vozes e experiências das mulheres marginalizadas, que enfrentam múltiplas formas de opressão. Ela argumenta que uma verdadeira luta pela igualdade de gênero deve considerar não apenas a opressão baseada no gênero, mas também as dinâmicas de poder e outros estratos sociais. Essa perspectiva amplia o entendimento da desigualdade, promovendo uma luta por justiça social que é, ao mesmo tempo, mais inclusiva e abrangente.

Comungando desse pensamento, Louro (2016) contribui para essa discussão ao explorar como as normas de gênero são ensinadas e internalizadas nas práticas educativas. A autora sugere que a escola é um espaço privilegiado para a construção

de identidades de gênero, e que é possível subverter essas normas ao promover uma educação que desafie as concepções tradicionais de masculinidade e feminilidade. A prática pedagógica deve ser um instrumento de transformação social, proporcionando um ambiente onde a diversidade de gênero seja respeitada e celebrada. Ao fomentar um currículo que desafie estereótipos e promova o respeito mútuo, a educação pode desempenhar um papel fundamental na desconstrução das normas de gênero prejudiciais e na construção de uma sociedade mais inclusiva e equitativa. Dessa forma, a contribuição de Louro (2016) destaca a importância de repensar e reformular as práticas educacionais para que os/as alunos/as se tornem agentes ativos/as na promoção da igualdade de gênero.

Butler (2003), por sua vez, introduz a ideia de performatividade de gênero, argumentando que gênero não é algo que se é, mas algo que se faz. Segundo a autora, o gênero é performado por meio de repetidas ações e discursos que consolidam normas culturais. Essa teoria desafia a noção de gênero como algo fixo e essencial, destacando a fluidez e a variabilidade das identidades de gênero. Ao reconhecer que as identidades de gênero são continuamente construídas e reconstruídas por meio da prática, Butler (2009; 2024) abre espaço para a resistência e a subversão das normas tradicionais. Sua abordagem enfatiza que, ao alterar os modos de performar gênero, é possível transformar as expectativas sociais e promover uma maior aceitação da diversidade. Assim, essa perspectiva não apenas questiona as concepções rígidas de gênero, mas também oferece um caminho para a criação de espaços mais inclusivos e flexíveis, onde todas as formas de expressão de gênero possam ser reconhecidas e respeitadas (Hooks, 2015).

Fanon (2008) oferece uma perspectiva singular para a compreensão das dinâmicas de gênero e identidade, explorando como as construções sociais e culturais do colonialismo e do racismo influenciam as identidades e as relações de poder. De acordo com o autor, as estruturas de opressão racial e colonial moldam não apenas as identidades individuais, mas também as percepções e práticas de gênero. Em sua obra,

ele argumenta que a identidade é profundamente influenciada pela história e pelas relações de poder estabelecidas e mantidas por sistemas opressivos. Por conseguinte, a teoria fanoniana destaca como as identidades são formadas em contextos de opressão e dominância, sublinhando que o processo de construção da identidade é moldado pelas forças sociais e culturais que operam para manter certas hierarquias. Quando conectamos essa visão com a teoria de performatividade de gênero de Butler (2003), vemos que a fluidez e a variabilidade das identidades de gênero não podem ser completamente entendidas sem considerar o impacto das estruturas de opressão e as dinâmicas de poder que influenciam como as identidades são performadas e percebidas.

Outrossim, essa teoria oferece uma compreensão mais profunda das identidades de gênero como algo que não apenas se performa, mas que também é constantemente moldado por forças sociais e históricas. Essa abordagem integrada nos permite reconhecer a importância de desafiar tanto as normas de gênero estabelecidas quanto as estruturas de poder que perpetuam a desigualdade e a opressão. Por fim, isso nos leva a um cenário em que a transformação das práticas e expectativas de gênero pode promover uma maior aceitação e inclusão, ajudando a desconstruir barreiras e a criar uma sociedade mais equitativa.

Em suma, ao integrar as contribuições supracitadas ao contexto educacional hodierno, torna-se evidente que os estudos de gênero e as práticas pedagógicas devem ser interseccionais, críticas e atentas à performatividade. Isso não só enriquece a análise teórica, mas também possibilita a criação de estratégias educativas mais inclusivas e transformadoras, capazes de desafiar as opressões e promover uma verdadeira igualdade de gênero. Ao adotar uma abordagem que reconhece a complexidade das identidades de gênero e a necessidade de questionar normas estabelecidas, a educação pode se tornar um meio eficaz para a construção de uma sociedade mais justa e equitativa. A implementação dessas práticas permite que a sala de aula se transforme em um espaço de diálogo e reflexão, onde a diversidade é valorizada e os estereótipos

são desafiados, contribuindo para a formação de cidadãos mais conscientes e comprometidos com a promoção da igualdade e da inclusão.

3 A música como ferramenta pedagógica no ensino de línguas e conscientização social: análise crítica e integração de temas críticos

“Imagine”, de John Lennon, lançada em 1971, surgiu em um período de turbulência global marcado pela Guerra Fria, conflitos armados e uma crescente demanda por mudanças sociais e políticas. A década de 1970 foi marcada por movimentos de direitos civis, protestos contra a guerra do Vietnã e uma crescente conscientização sobre questões sociais e ambientais. A música foi um reflexo dessas demandas e aspirações, capturando o espírito de uma era em que muitos buscavam um novo paradigma para a convivência humana, apresentando uma visão utópica e idealista do mundo, em que a paz e a igualdade seriam o normativo.

Ao longo das décadas, “Imagine” consolidou-se como um hino universal de paz e solidariedade, sendo constantemente ressignificada em diferentes contextos históricos. Segundo Garofalo (2018), a canção transcendeu seu momento de origem nos anos 1970 e passou a ser evocada em eventos globais de crise e resistência, tornando-se símbolo de uma utopia compartilhada em meio à adversidade. Sua recepção e apropriação por múltiplos grupos sociais demonstram a permanência e relevância do ideal de união proposto por Lennon, que continua a inspirar discursos de transformação social e justiça.

Lennon convida os ouvintes a imaginar um mundo sem as barreiras que dividem a humanidade, como países, religiões e possessões materiais. A música é uma chamada para a reflexão sobre a possibilidade de uma coexistência harmoniosa e a necessidade de transcender divisões sociais e políticas. A simplicidade e a clareza da mensagem tornam-na acessível e poderosa, provocando um impacto emocional profundo e ressoando naqueles que aspiram a um mundo mais justo e unido. Nesse mesmo enfoque, Foucault (2011) assegura que o poder não está concentrado em instituições específicas, mas se distribui em uma rede de relações e práticas sociais. A

música desafia essas práticas ao propor a eliminação dos obstáculos que fragmentam a sociedade. A linguagem direta e descomplicada de “Imagine” não é apenas uma forma de acessibilidade, mas também uma estratégia para questionar e subverter os discursos que sustentam as divisões sociais, sugerindo uma reconfiguração das relações de poder ao questionar a legitimidade das estruturas que criam e mantêm as desigualdades entre indivíduos e grupos.

Além disso, o autor discute como as práticas sociais e culturais são moldadas por um discurso que estabelece o que é considerado normal e aceitável. A proposta de Lennon de um mundo sem possessões materiais e sem fronteiras nacionais pode ser vista como uma tentativa de reimaginar e reverter esses discursos normativos. Em vez de aceitar as divisões e desigualdades como uma realidade imutável, “Imagine” oferece uma visão alternativa que convida os ouvintes a refletir sobre a possibilidade de um novo ordenamento social, em que a paz e a igualdade não são apenas ideais, mas práticas viáveis e desejáveis. O impacto emocional e a ressonância da música naqueles que aspiram a um mundo mais justo e unido refletem a capacidade do discurso de Lennon de provocar uma transformação no imaginário coletivo. Para Foucault (2011), essa transformação não se dá apenas no nível das ideias, mas nas práticas e relações que moldam a sociedade. A visão utópica de “Imagine” atua como uma forma de resistência ao discurso dominante, incentivando uma reavaliação das práticas sociais e das relações de poder que sustentam a desigualdade e a divisão.

Ademais, “Imagine” tem sido uma das músicas mais influentes e emblemáticas do século XX, com um impacto duradouro sobre a cultura popular e o ativismo social. Ao longo das décadas, ela tem sido utilizada em diversos contextos de protesto e celebração, desde manifestações contra guerras até eventos comemorativos de paz e solidariedade. Sua mensagem atemporal de esperança e idealismo continua a inspirar gerações, refletindo o desejo universal por um mundo mais pacífico e igualitário. “Imagine” transcendeu seu contexto original, tornando-se um hino para a promoção de valores universais e um símbolo duradouro da luta por um futuro melhor. Ainda

nesse viés, a versão regravada de “Imagine” pelo grupo Pentatonix oferece uma nova perspectiva sobre a icônica canção, incorporando uma rica diversidade de pessoas no videoclipe. O grupo vocal, conhecido por suas interpretações inovadoras e harmonias complexas, utiliza essa reinterpretação para refletir sobre a inclusão e a representação. No videoclipe, Pentatonix apresenta uma variedade de indivíduos, incluindo homens, mulheres, pessoas negras, brancas e homossexuais, refletindo a multiplicidade das experiências humanas. Essa representação não apenas honra a mensagem original de igualdade e paz, mas também a atualiza para ressoar com os debates contemporâneos sobre diversidade e inclusão.

A perspectiva de Krieger (2015), que discute o papel dos *mashups*¹ e das novas mídias enquanto ferramentas de protesto político e expressão comunitária, enriquece substancialmente a análise desse videoclipe. De acordo com a autora, remixes e *mashups* emergiram como instrumentos críticos no contexto das novas mídias, sendo capazes de gerar declarações públicas com um forte conteúdo político. Embora frequentemente negligenciados em comparação com plataformas como Twitter e Facebook, esses formatos têm se mostrado essenciais em movimentos sociais de grande escala, como a Primavera Árabe e o #Occupy². Krieger (2015) também aborda o contexto histórico da música de Lennon, vinculando-a às suas atividades antiguerra nas décadas de 1960 e 1970, e sua subsequente reinterpretação no início do século XXI, em que continua a ser utilizada como uma ferramenta de ativismo por meio das tecnologias midiáticas contemporâneas.

Dentro desse quadro teórico, o videoclipe de Pentatonix pode ser compreendido como uma reinterpretação moderna que utiliza os recursos das novas mídias e dos *mashups* para atualizar e expandir a mensagem de Lennon. Ao integrar

¹ Referem-se à combinação de diferentes elementos, como músicas, vídeos, dados ou conteúdo de diversas fontes, para criar algo novo. Essa prática pode ser observada em várias áreas, como música, tecnologia, cinema e arte, e é valorizada pela sua capacidade de inovar e criar outras experiências ou significados a partir de fontes já existentes.

² O movimento #Occupy foi uma série de protestos contra a desigualdade econômica e a influência das corporações na política, com destaque para o *Occupy Wall Street*.

uma diversidade de identidades e experiências no vídeo, o grupo vocal reconfigura a canção, mantendo sua essência de paz e solidariedade, mas ampliando seu alcance para abarcar questões atuais sobre inclusão e diversidade. Assim, a versão de Pentatonix de “Imagine” não apenas preserva os ideais originais da música, mas também os reinventa, adequando-os aos desafios sociais contemporâneos e funcionando como uma potente ferramenta cultural de protesto e transformação, alinhada aos *remixes* políticos discutidos por Krieger (2015).

Comungando desse pensamento, Fairclough (2008) argumenta que os discursos desempenham um papel fundamental na construção das realidades sociais e nas relações de poder. A proposta de Lennon de um mundo sem países, religiões e possessões materiais desafia os discursos hegemônicos dominantes que perpetuam divisões e desigualdades. Tal ideia é expressa nos versos *Imagine there's no countries / It isn't hard to do / Nothing to kill or die for / And no religion too*, nos quais o artista sugere a superação de diferenças políticas e religiosas, propondo uma convivência baseada na paz e na igualdade. A simplicidade e a clareza da mensagem em “Imagine” não são apenas estéticas, mas estratégicas; elas servem para tornar a visão de Lennon acessível e mobilizadora, permitindo que ressoe profundamente naqueles que sonham com outro mundo.

De acordo com Fairclough (2008), a análise crítica do discurso deve considerar como os discursos são usados para legitimar e contestar práticas sociais. “Imagine” funciona como um discurso de contestação ao promover uma visão alternativa das normas sociais e políticas. Ao imaginar um mundo sem barreiras, Lennon oferece uma narrativa que desafia as práticas existentes e propõe uma transformação na forma como as relações sociais são estruturadas.

A visão faircloughiana também destaca que os discursos não apenas refletem as relações de poder, mas também as produzem e as reproduzem. A visão utópica de Lennon oferece uma forma de resistência a essas relações estabelecidas, sugerindo que as normas sociais podem ser reconfiguradas. A música incentiva os ouvintes a

questionar as barreiras existentes e a imaginar alternativas, o que pode levar a uma mudança nas práticas sociais e nas concepções de igualdade e paz. Versos como *You may say I’m a dreamer / But I’m not the only one / I hope someday you’ll join us / And the world will be as one* reforçam esse apelo coletivo à transformação, sinalizando que o desejo por um mundo mais justo ultrapassa o plano individual e se configura como um projeto político e social compartilhado.

Além disso, o autor discute a importância do contexto na análise do discurso. O impacto de “Imagine” pode ser compreendido melhor ao considerar o contexto histórico e social em que foi lançada, bem como o impacto que teve sobre o imaginário coletivo. A música, ao desafiar as normas estabelecidas e propor uma visão idealista, pode ser vista como um reflexo das aspirações de uma época em busca de mudança e justiça social.

A escolha por destacar uma gama de identidades e experiências enfatiza a ideia de que a utopia imaginada por Lennon pode e deve incluir todos os grupos da sociedade, promovendo um ambiente onde todos se sintam vistos e valorizados. Por conseguinte, a inclusão de diferentes identidades no videoclipe de Pentatonix sublinha a relevância contínua da mensagem de “Imagine” na luta por um mundo mais inclusivo. Ao destacar a diversidade cultural, o grupo não apenas celebra a riqueza das experiências humanas, mas também envia uma mensagem poderosa sobre a necessidade de superar obstáculos e preconceitos. A versão do grupo reafirma a importância da igualdade e da aceitação, demonstrando que, embora o mundo ainda tenha um longo caminho a percorrer, o sonho de Lennon de um mundo unido e harmonioso é mais relevante do que nunca.

Alinhada a essa perspectiva, Beauvoir (1967) ressalta que a opressão é mantida por barreiras culturais e sociais que perpetuam a desigualdade. Muitas vezes invisíveis, elas estão profundamente enraizadas nas estruturas de poder e nas normas sociais que determinam os papéis e expectativas de gênero, limitando a liberdade e a autonomia dos indivíduos. A autora argumenta que a construção cultural da

“outridade” – a ideia de que certos grupos, especialmente as mulheres, são “o outro” em relação ao padrão masculino dominante – é central para a manutenção dessas desigualdades.

Para superar essa opressão, Beauvoir (1967) defende uma mudança radical nas percepções culturais e sociais, promovendo a emancipação e a igualdade verdadeira. Isso implica desconstruir as narrativas que naturalizam as diferenças de gênero e questionar as práticas que reproduzem a subordinação. Em um contexto mais amplo, a luta contra a opressão envolve a criação de uma sociedade em que todos possam exercer sua liberdade e potencial, livre das limitações impostas pelas estruturas opressivas. Essa transformação cultural é essencial para que se alcance uma sociedade mais justa e equitativa, onde as desigualdades históricas sejam superadas e a dignidade humana seja respeitada em toda a sua diversidade.

Por fim, a reinterpretação de “Imagine” por Pentatonix não é apenas uma homenagem ao legado de John Lennon, mas também uma declaração sobre o estado atual da sociedade. Ao trazer à tona a diversidade e a inclusão, o videoclipe proporciona uma visão contemporânea da utopia imaginada por Lennon, mostrando que a luta por um mundo mais justo e igualitário continua a evoluir e a se adaptar às novas realidades sociais. Por meio dessa nova versão, Pentatonix contribui para a ampliação da mensagem de “Imagine”, incentivando uma reflexão contínua sobre como podemos trabalhar juntos para criar um mundo onde todos possam realmente se sentir parte de um sonho coletivo de paz e igualdade.

4 Interseccionalidade no ensino de línguas: desafios e potencialidades

A incorporação da interseccionalidade no ensino de línguas representa um avanço significativo na promoção de uma educação mais inclusiva e equitativa. A interseccionalidade, que considera a interconexão de diferentes identidades sociais, como gênero, raça, classe e orientação sexual, permite uma abordagem mais holística

no processo de ensino-aprendizagem. No entanto, a implementação desse conceito no ensino de línguas apresenta tanto desafios quanto potencialidades (Hooks, 2015).

Entre os desafios mais evidentes está a resistência a mudanças nas práticas pedagógicas tradicionais. Muitos/as educadores/as ainda carecem de formação adequada para integrar a interseccionalidade em suas aulas, o que pode resultar em uma abordagem superficial ou inadequada. Além disso, a falta de materiais didáticos que abordem explicitamente a interseccionalidade dificulta a aplicação desse conceito no ensino de línguas. A pressão por resultados e o foco em conteúdos gramaticais e linguísticos, frequentemente priorizados em currículos tradicionais, também podem limitar o espaço para discussões interseccionais em sala de aula.

Outro desafio é a complexidade inerente ao conceito de interseccionalidade. Professores/as e alunos/as podem encontrar dificuldades para compreender e aplicar as interações entre diferentes eixos de identidade social em contextos linguísticos. A necessidade de adaptar a abordagem de acordo com a diversidade dos/as alunos/as, considerando suas experiências e identidades únicas, requer um nível elevado de sensibilidade e flexibilidade pedagógica (Krieger, 2015).

Nesse contexto, as ideias de Foucault (2011) sobre o poder e o discurso são particularmente relevantes. O autor chama a atenção para o fato de que o poder está presente em todas as relações sociais e se manifesta por meio de discursos que moldam as práticas e os entendimentos dentro de uma sociedade. No ensino de línguas, os discursos dominantes muitas vezes refletem e perpetuam as hierarquias de poder existentes, tornando desafiadora a inclusão de abordagens interseccionais que questionem e desconstruam essas hierarquias. A resistência às mudanças pedagógicas pode, assim, ser vista como uma manifestação da manutenção do poder por meio da reprodução de discursos tradicionais que negligenciam a complexidade das identidades sociais.

Apesar dos desafios, as potencialidades de integrar a interseccionalidade no ensino de línguas são vastas. Ao abordar questões interseccionais, os/as professores/as

têm a oportunidade de enriquecer o aprendizado dos/as alunos/as, promovendo uma maior compreensão das complexidades da identidade e da sociedade. A interseccionalidade possibilita que os/as alunos/as se vejam refletidos/as no conteúdo, o que pode aumentar seu engajamento e participação. Além disso, essa abordagem fomenta o desenvolvimento do pensamento crítico, à medida que os/as alunos/as são incentivados/as a analisar como diferentes formas de opressão e privilégio se manifestam nas práticas linguísticas e culturais (Crenshaw, 2017).

Fairclough (2008) enfatiza a ideia de quanto o poder e a ideologia são perpetuados por meio da linguagem. Sendo assim, a interseccionalidade no ensino de línguas pode ser vista como uma estratégia para desvelar essas dinâmicas de poder, permitindo que estudantes questionem e desafiem as formas pelas quais a linguagem reflete e sustenta as desigualdades sociais, tornando possível a criação de um ambiente de aprendizado mais inclusivo, onde todas as vozes são valorizadas e respeitadas, o que é essencial para a formação de cidadãos conscientes e socialmente responsáveis. Em termos pedagógicos, a interseccionalidade abre espaço para práticas educativas inovadoras, como o uso de materiais autênticos que refletem a diversidade cultural e social. Ao incorporar perspectivas variadas nas aulas de língua, os/as professores/as podem criar experiências de aprendizado mais ricas e significativas, que não apenas ensinam a língua, mas também promovem a empatia e a justiça social (Hooks, 2017).

Em conclusão, embora a integração da interseccionalidade no ensino de línguas enfrente desafios consideráveis, as potencialidades que oferece para uma educação mais inclusiva e transformadora são inegáveis. Ao superar esses entraves, os/as educadores/as podem contribuir para a formação de alunos/as mais conscientes e críticos/as, preparados/as para atuar em uma sociedade diversa e complexa.

5 Caminhos metodológicos: estruturas e estratégias de ensino

A metodologia do estudo³ foi desenvolvida em uma aula com 10 alunos/as⁴ do sexto período do curso de Letras, realizada em uma universidade estadual no interior do estado de Goiás. Nesse caso, em específico, foram analisados os discursos de 7 alunos/as. O principal objetivo da aula foi explorar temas como paz, igualdade e inclusão, utilizando a música “Imagine”, de John Lennon, interpretada pelo grupo Pentatonix, como recurso didático central. A aula foi cuidadosamente estruturada em etapas para garantir um aprendizado significativo e reflexivo.

A primeira etapa envolveu a exibição do videoclipe da música, uma versão à capela⁵ que realça a mensagem de unidade e esperança da letra, enquanto também apresenta uma diversidade de vozes e identidades. Durante a exibição, os/as alunos/as foram orientados/as a prestar atenção tanto na letra quanto nos elementos visuais do clipe, observando como as escolhas artísticas reforçam a mensagem de igualdade e inclusão.

Na segunda etapa, a turma participou de uma análise coletiva da letra, durante a qual foi incentivada a identificar e discutir os temas principais da canção, como a ausência de divisões sociais, a harmonia mundial e a necessidade de transcender as barreiras que dividem a humanidade. Os/as alunos/as foram convidados/as a expressar suas interpretações pessoais e a relacionar a letra com contextos históricos e sociais relevantes.

Em seguida, na terceira etapa, foi promovida uma atividade de reflexão crítica. Os/as estudantes foram divididos/as em pequenos grupos, com a tarefa de debater como as mensagens de “Imagine” poderiam ser aplicadas ao contexto social atual,

³ Esta pesquisa foi cadastrada na Plataforma Brasil, sob o número CAAE 67539323.0.0000.5083, e aprovada no CEP/UFG, conforme o Parecer n. 6.299.306.

⁴ Os nomes dos participantes mencionados neste artigo são fictícios e foram alterados para preservar a privacidade e confidencialidade dos envolvidos, conforme as diretrizes éticas da pesquisa.

⁵ A expressão *a capella* vem do latim *in the manner of the chapel* e designa uma performance vocal sem o acompanhamento de instrumentos musicais. O estilo é amplamente utilizado em diversos gêneros musicais, especialmente em coros e grupos vocais.

tanto no Brasil quanto no mundo. Cada grupo foi instruído a explorar a relevância dos temas abordados na música em relação a questões contemporâneas, como desigualdade social, preconceito, discriminação e os desafios para a construção de um mundo mais justo.

A aula foi concluída com uma roda de conversa, que representou a quarta e última etapa. Durante essa discussão final, os/as alunos/as compartilharam suas percepções sobre a atividade, refletindo sobre o impacto emocional e intelectual da música. Eles/as foram incentivados/as a responder a perguntas provocativas que buscavam aprofundar a análise crítica e relacionar as reflexões com suas próprias experiências de vida. Todo o processo foi documentado, incluindo as discussões em grupo e as percepções compartilhadas na roda de conversa, para posterior análise qualitativa. O objetivo era avaliar a eficácia da música como uma ferramenta pedagógica na sensibilização dos/as alunos/as para questões sociais e interseccionais e explorar como essa abordagem pode contribuir para a formação de uma consciência crítica e socialmente engajada.

6 Estudo de caso: implementação da música “Imagine” no ensino da Língua Inglesa

A música é reconhecida como uma ferramenta eficaz no ensino de línguas adicionais, por proporcionar um ambiente de aprendizagem envolvente, motivador e acessível (Schoepp, 2001). Além de enriquecer o vocabulário e a gramática, esse recurso pedagógico favorece o desenvolvimento das habilidades auditivas, fonológicas e culturais. Ao ser incorporada às práticas educativas, a música possibilita uma forma natural e significativa de aprendizagem, permitindo a abordagem de aspectos linguísticos que, muitas vezes, são difíceis de serem trabalhados por métodos tradicionais.

A integração da música ao ensino de línguas adicionais, portanto, cria um ambiente dinâmico e reflexivo, que incentiva o pensamento crítico sobre as múltiplas dimensões da linguagem e da cultura, ao mesmo tempo que promove uma

aprendizagem mais fluida e prazerosa (Gobbi, 2001). Um exemplo prático dessa abordagem pode ser observado em atividades desenvolvidas com a música “Imagine”, de John Lennon, na versão interpretada pelo grupo Pentatonix.

Durante a aula, foi trabalhada a canção “Imagine”, composta por John Lennon e regravada pelo grupo Pentatonix, os/as alunos/as tiveram a oportunidade de explorar e analisar a poderosa mensagem de paz, igualdade e esperança transmitida pela canção. A harmonia vocal característica do grupo, que realça a essência da letra, serviu como um catalisador para que os/as estudantes refletissem sobre o impacto das divisões sociais e políticas, questionassem normas estabelecidas e imaginassem um mundo mais justo e inclusivo. As respostas obtidas evidenciaram como a música pode atuar como uma ferramenta eficaz para promover discussões significativas e estimular uma visão crítica do mundo.

[1] Rhyane: A música me fez pensar sobre como seria viver em um mundo sem guerras e conflitos. A interpretação do Pentatonix é tão suave que realmente me faz acreditar que esse mundo pode ser possível.

A interpretação do Pentatonix, descrita como “suave” por Rhyane, pode ser analisada à luz da teoria de Louro (2016) sobre a construção de identidades por meio da cultura. A autora destaca como as representações culturais podem moldar nossas percepções sobre o possível e o desejável. A suavidade e a harmonia na interpretação de “Imagine” podem ser vistas como uma forma de apresentar uma visão idealizada que desafia as normas culturais existentes e promove uma visão mais harmoniosa e inclusiva da sociedade. A crença de Rhyane de que um mundo sem guerras é possível, influenciada pela música, reflete a ideia de Louro (2016) de que as representações culturais têm o poder de expandir nossa compreensão das possibilidades de vida e identidade. A música, portanto, não apenas proporciona uma visão de um mundo melhor, mas também serve como um meio para explorar e potencialmente redefinir as

identidades e relações sociais, abrindo espaço para novas formas de inclusão e igualdade.

Ainda nesse prisma, o comentário de Rhyane de que a música a faz pensar em um mundo sem guerras e conflitos pode ser analisado através da lente da crítica de Beauvoir (1967) às normas sociais que definem e restringem as experiências das pessoas. De acordo com a autora, a construção social de barreiras e divisões é um reflexo das opressões estruturais. A visão utópica apresentada em “Imagine” oferece um espaço para questionar essas normas e imaginar uma reconfiguração social mais inclusiva e igualitária. A arte, nesse contexto, serve como uma ferramenta para desafiar e reimaginar as normas estabelecidas. A interpretação vocal do Pentatonix pode ser entendida como um convite a transcender as realidades opressivas e imaginar novas possibilidades, alinhando-se com a ideia de Beauvoir (1967) de que a mudança social começa com a conscientização e a imaginação.

[2] Lailla: Eu gostei da parte em que a música fala sobre imaginar um mundo sem países e religiões. Isso me fez pensar sobre como essas divisões podem criar desigualdade e conflitos. A versão do Pentatonix dá uma sensação de unidade, como se todos estivessem cantando juntos por um mundo melhor.

Butler (2003) argumenta que as identidades e as normas sociais são construídas por meio de práticas performativas. As práticas culturais, como a música, desempenham um papel essencial na formação e transformação das identidades sociais e nas normas que regulam o comportamento. A apreciação de Lailla pela parte da música que imagina um mundo sem países e religiões pode ser analisada sob a ótica da performatividade cultural. A versão do Pentatonix, ao enfatizar a ideia de unidade e coletividade, serve como uma performance que promove uma identidade coletiva e inclusiva. A música cria um espaço simbólico em que as divisões sociais são transcendidas, permitindo aos ouvintes imaginar e aspirar a uma nova forma de identidade global, mais coesa e igualitária. Por conseguinte, a reflexão de Lailla sobre

como as divisões criam desigualdades e conflitos é um exemplo de como a música pode desafiar as normas sociais estabelecidas. A autora sugere que as práticas culturais podem subverter e questionar as normas dominantes. A música “Imagine” e sua interpretação pelo Pentatonix atuam como uma forma de subversão das normas que sustentam as divisões e desigualdades, oferecendo uma visão alternativa de unidade e inclusão.

Ainda nessa perspectiva, Butler (2003) também explora como as normas sociais regulam o que é considerado aceitável, e como práticas subversivas podem criar possibilidades e formas de existência. O entusiasmo de Lailla pela ideia de um mundo sem divisões reflete a capacidade da música de abrir novas possibilidades e desafiar o *status quo*. É possível compreender que a arte e a cultura têm o poder de imaginar e possibilitar novas formas de ser e de viver. A sensação de unidade que Lailla experimenta ao ouvir a versão do Pentatonix demonstra como a música pode criar um espaço simbólico para a visualização de um mundo mais harmonioso e inclusivo, desafiando as normas que perpetuam a desigualdade e o conflito.

A sensação de que todos estão “cantando juntos por um mundo melhor” pode ser entendida como a criação de um espaço inclusivo e igualitário, sugerindo que tais espaços são fundamentais para a construção de novas identidades e formas de se relacionar. A performance musical do Pentatonix não apenas oferece uma visão utópica de unidade, mas também contribui para a criação de uma identidade coletiva que transcende as barreiras sociais tradicionais.

Essa construção de identidade, ao envolver todos os ouvintes e *performers*, fortalece a ideia de uma comunidade global mais coesa, que se reconcilia com as diferenças e compartilha a aspiração por um futuro mais harmonioso e justo (Lofrano, 2016).

Para aprofundar essa reflexão, é possível enriquecer a análise com a contribuição de outros autores que discutem a construção de identidades por meio da música e da cultura. Linardi (2020), ao analisar “Imagine”, aponta que a utopia

proposta por Lennon, embora idealizada, oferece um espaço para a reimaginação das relações sociais, instigando os ouvintes a questionar e transcender as barreiras impostas pela realidade social. Sua análise destaca como a canção serve não apenas como um ato de resistência simbólica, mas também como um convite à reflexão sobre os valores que definem as identidades coletivas. A inclusão de tais autores reforça a ideia de que a música tem um papel transformador na construção de um mundo mais justo, sendo capaz de questionar as normas sociais e abrir espaço para novas possibilidades de identidade e convivência social.

Essa perspectiva é visivelmente refletida nas palavras de Magnólia, que descreve a interpretação do Pentatonix como algo que trouxe um “sentimento de esperança”. Para ela, a performance musical do grupo transmite um convite a acreditar que é possível transformar o mundo em um lugar mais pacífico e inclusivo. Ao cantar juntos, o Pentatonix parece, de fato, exemplificar a ideia de Kawachi (2008) e Linardi (2020) de que a música pode criar um espaço simbólico de união, inspirando os ouvintes a vislumbrar um futuro em que as divisões sociais sejam superadas e a coletividade seja natural na construção de um mundo mais harmônico.

[3] Magnólia: A interpretação do Pentatonix trouxe um sentimento de esperança. Quando eles cantam juntos, parece que estão nos convidando a acreditar que podemos fazer do mundo um lugar mais pacífico e inclusivo.

O comentário de Magnólia sobre o sentimento de esperança trazido pela interpretação do Pentatonix reflete como a música pode construir e reforçar ideologias específicas. A interpretação coletiva de “Imagine” promove uma ideologia de unidade e paz, ao apresentar a ideia de que um mundo mais pacífico e inclusivo é possível. A sensação de que os músicos estão convidando os ouvintes a acreditar em um futuro melhor pode ser vista como uma forma de discurso que reforça uma visão otimista e idealista sobre a capacidade da humanidade de superar conflitos e divisões. De acordo com Fairclough (2008), o discurso musical não é neutro; ele é carregado de significados

e valores que podem influenciar as percepções e comportamentos dos ouvintes. A interpretação do Pentatonix, ao criar um sentimento de esperança e convidar os ouvintes a acreditar em um mundo melhor, atua como um discurso que pode mobilizar e inspirar mudanças na forma como as pessoas pensam sobre a paz e a inclusão.

Esse discurso contribui para a construção de uma ideologia que vê a possibilidade de transformação social positiva. O autor também explora como o discurso pode refletir e influenciar as relações de poder e as estruturas sociais. A maneira como o discurso é produzido e consumido pode ter implicações significativas para as relações de poder na sociedade. A interpretação do Pentatonix e o impacto descrito por Magnólia refletem o poder do discurso musical em criar um espaço simbólico para a reflexão e a inspiração coletiva. A música, como forma de discurso, tem a capacidade de desafiar e reconfigurar as normas sociais e as relações de poder existentes ao promover uma visão alternativa de como o mundo poderia ser. A sensação de esperança e a crença em um futuro mais inclusivo, expressa por Magnólia, indicam como o discurso musical pode influenciar a forma como os ouvintes percebem seu papel e suas capacidades em promover mudanças sociais. O sentimento de esperança gerado pela interpretação musical pode atuar como um catalisador para a mobilização de ideias e ações em prol de um mundo mais pacífico e inclusivo. A forma como a música e seu discurso são recebidos e interpretados pelos ouvintes pode ter um impacto real nas práticas e atitudes sociais, refletindo a capacidade do discurso musical de moldar e influenciar as relações de poder e as ideologias predominantes.

[4] Betina: Para mim, a música fala sobre como podemos nos livrar das coisas que nos separam e focar no que nos une. A versão do Pentatonix é muito poderosa porque as vozes se complementam e mostram como diferentes pessoas podem se unir para criar algo bonito.

O discurso de Betina pode ser analisado com base na teoria de Foucault (2011), especialmente em suas ideias sobre poder, discurso e construção social da realidade.

Podemos explorar como a interpretação do Pentatonix de “Imagine” pode ser vista através das lentes da construção de normas e práticas sociais, e como o discurso musical pode desafiar e redefinir conceitos de unidade e separação. O autor analisa como o discurso molda e constrói a realidade social, definindo o que é considerado verdadeiro ou aceitável em uma dada época e contexto. Os discursos não são apenas reflexos da realidade, mas também instrumentos que ajudam a constituí-la e a regulá-la. No comentário de Betina, a música é uma reflexão sobre como superar as barreiras que nos separam e focar o que nos une.

De acordo com Foucault (2011), a música e sua interpretação servem como discursos que contribuem para a construção social das noções de unidade e separação. A interpretação do Pentatonix, ao mostrar diferentes vozes se complementando, funciona como uma prática discursiva que desafia e redefine as normas sociais que perpetuam a divisão e a fragmentação. Além disso, ilustra como o discurso musical pode exercer um tipo de poder sutil ao promover uma visão de unidade e colaboração. A ideia de que diferentes pessoas podem se unir para criar algo bonito reflete uma prática discursiva que desafia as normas estabelecidas e promove novas formas de pensar sobre a coesão social. A concepção foucaultiana também explora como os discursos normatizam práticas e comportamentos sociais e como as práticas discursivas podem resistir às normas dominantes. A visão de Betina de que a música “Imagine” fala sobre como nos livrar das separações e focar o que nos une pode ser vista como uma forma de resistência às normas que perpetuam a divisão e o conflito. A interpretação do Pentatonix oferece uma narrativa alternativa que promove a ideia de que a unidade e a colaboração são possíveis e desejáveis, desafiando as normas sociais que frequentemente destacam as diferenças e as separações. A capacidade da versão do Pentatonix de unir diferentes vozes para criar algo bonito exemplifica como o discurso musical pode criar espaços discursivos que promovem a inclusão e a coesão. Esse espaço discursivo oferece uma forma de resistência à normatização da divisão e

das barreiras sociais, proporcionando uma nova perspectiva sobre como as pessoas podem se unir e colaborar.

[5] Lolla: Eu senti muita emoção ao ouvir a versão do Pentatonix. Eles cantam de uma forma tão pura que faz a gente realmente refletir sobre o que estamos fazendo pelo mundo e como podemos melhorar.

O discurso de Lolla pode ser analisado a partir das significativas contribuições da teoria de Beauvoir (1967), explorando as noções de liberdade, responsabilidade e transcendência que a filósofa aborda em sua obra. A autora discute como os indivíduos, especialmente as mulheres, são frequentemente aprisionados em papéis sociais e expectativas que limitam sua capacidade de agir livremente e transcender as circunstâncias impostas pela sociedade. Ao analisar as afirmações feitas por Lolla, é possível observar a emoção sentida ao ouvir a versão do Pentatonix de “Imagine”, que parece estar ligada a um momento de reflexão sobre sua própria posição no mundo e as ações que podem ser tomadas para melhorar a realidade ao seu redor. A “forma pura” como o grupo canta, mencionada por Lolla, pode ser interpretada como uma expressão autêntica e livre, que inspira a audição crítica e a autorreflexão. Trata-se de um momento em que Lolla transcende as barreiras cotidianas e considera sua responsabilidade em relação ao mundo.

Segundo Beauvoir (1967), a verdadeira liberdade envolve a capacidade de transcender a si mesmo e agir de acordo com valores que afirmam a liberdade dos outros. Lolla, ao refletir sobre “o que estamos fazendo pelo mundo e como podemos melhorar”, está exercitando essa responsabilidade, movendo-se em direção a uma postura existencialista que considera o impacto de suas ações não apenas sobre si mesma, mas sobre a coletividade. Dessa forma, o discurso de Lolla ressoa com as ideias da autora sobre a importância da liberdade e da responsabilidade na construção de um mundo mais justo e igualitário, onde as pessoas são chamadas a agir em prol da emancipação coletiva e da melhoria contínua do mundo em que vivem.

[6] Emma: A música 'Imagine' parece ainda mais relevante hoje em dia. A interpretação do Pentatonix me fez pensar em como as coisas que John Lennon imaginou ainda são coisas pelas quais estamos lutando.

A análise do discurso de Emma, sob a ótica da teoria de Fanon (2008), explora temas de alienação, colonização e a luta contínua por libertação. O autor argumenta que a opressão não é apenas física, mas também psicológica, perpetuada pela internalização de valores coloniais. Emma reconhece a relevância contínua das ideias de Lennon, destacando que as questões de justiça e igualdade ainda são atuais. A interpretação do Pentatonix é vista como uma revitalização dessa mensagem, conectando-a às lutas contemporâneas. Além disso, o autor chama a atenção para o fato de que essa conscientização é essencial para a verdadeira libertação, que só pode ocorrer com o desmantelamento das estruturas opressivas. A música, assim, não só relembra lutas passadas, mas também chama para a ação contínua, refletindo a urgência de superar as barreiras históricas de opressão.

Essa análise sugere que o discurso de Emma não apenas reconhece a importância das mensagens de paz e igualdade presentes em “Imagine”, mas também ecoa a visão de Fanon sobre a necessidade de uma luta contínua contra as formas insidiosas de opressão que ainda persistem. Ao se conectar com a mensagem da música de Lennon por meio da interpretação do Pentatonix, Emma reafirma o poder da arte como um veículo de resistência e transformação, alinhando-se com a ideia de que a descolonização deve ser tanto um processo interno quanto externo, exigindo um compromisso constante com a justiça e a liberdade. Assim, o discurso de Emma se torna um reflexo da luta contínua por emancipação, conforme defendida por essa concepção, sublinhando a necessidade urgente de desafiar e desmantelar as estruturas de poder que perpetuam a opressão.

[7] John: A música me fez pensar sobre como as normas sociais e políticas muitas vezes nos dividem. A versão do Pentatonix destaca isso de uma maneira que faz a gente querer questionar essas divisões e imaginar como

seria viver sem elas.

O discurso de John pode ser analisado à luz da teoria de Hooks (2015), que envolve considerar temas como a interseccionalidade, a crítica às normas sociais e políticas e a importância da conscientização crítica como ferramenta de resistência e transformação. A autora explora como as normas sociais e políticas são construídas para manter as desigualdades e as divisões entre as pessoas, perpetuando sistemas de opressão baseados em raça, gênero, classe e outras categorias. No discurso de John, ao mencionar que a música o faz refletir sobre como essas normas nos dividem, ele toca em um dos pontos centrais da crítica de Hooks (2015): a forma como a sociedade é estruturada para separar e oprimir.

Quando John fala sobre como a versão do Pentatonix o inspira a questionar essas divisões e imaginar um mundo sem elas, ele está engajando-se em um processo de conscientização crítica, algo que a autora considera essencial para a resistência e a transformação social. Além disso, ao nos tornarmos conscientes de como as normas sociais e políticas operam para nos dividir, podemos começar a imaginar e construir formas de vida que rejeitem essas divisões e promovem a solidariedade e a justiça. Por conseguinte, a ideia de “imaginar como seria viver sem elas” ressoa com a visão de Hooks (2017) sobre a importância de criar espaços e práticas que desafiem as normas opressivas e permitam novas formas de convivência, baseadas na igualdade e no respeito mútuo. Esse tipo de imaginação radical é, para a autora, um passo decisivo na construção de um mundo onde as divisões impostas pelo poder possam ser superadas.

O discurso de John, analisado a partir dessa concepção, revela uma consciência crítica das estruturas de opressão e uma vontade de desafiar essas divisões, alinhando-se com a visão de Hooks (2015, 2017) sobre a importância de questionar e transformar as normas sociais e políticas que mantêm a desigualdade.

7 Resultados e considerações finais

O estudo realizado sobre a música “Imagine”, de John Lennon, interpretada pelo grupo Pentatonix, revelou *insights* valiosos sobre o papel da música no ensino de Língua Inglesa e sua eficácia na promoção da reflexão sobre gênero e igualdade. A análise dos resultados da aula conduzida com 10 alunos/as do sexto período do curso de Letras em uma universidade estadual no estado de Goiás indicou que a música pode servir como uma ferramenta pedagógica poderosa para abordar temas sociais e interseccionais.

Os/as alunos/as mostraram uma forte conexão com a mensagem de “Imagine”, que promoveu uma visão utópica de paz e igualdade, desafiando divisões sociais e políticas. A interpretação à capela do Pentatonix foi especialmente eficaz em intensificar a mensagem da música, proporcionando uma experiência emocional profunda e engajadora. Durante a análise da letra e as discussões subsequentes, os/as alunos/as foram capazes de identificar e explorar temas relacionados à paz, inclusão e justiça social, refletindo sobre como essas questões se manifestam na sociedade atual.

A atividade de reflexão, que envolveu debates em grupo sobre a aplicação das mensagens de “Imagine” ao contexto social, demonstrou que a música pode estimular discussões críticas e promover uma compreensão mais profunda das interseccionalidades. Os/as alunos/as expressaram que a música ajudou a expandir suas perspectivas sobre os muros que dividem a sociedade e a considerar formas de superar essas divisões.

A incorporação de “Imagine” no ensino de Língua Inglesa demonstrou ser uma abordagem eficaz para promover a reflexão sobre gênero e igualdade. A música não apenas facilitou a discussão de temas interseccionais, mas também proporcionou uma oportunidade para os/as alunos/as se engajarem emocionalmente com a mensagem de paz e inclusão. A linguagem direta e acessível da letra, combinadas com a harmonia vocal do Pentatonix, foram vitais para tornar os temas abordados acessíveis e impactantes.

No entanto, a implementação da interseccionalidade no ensino de línguas enfrenta desafios, como a resistência a mudanças nas práticas pedagógicas e a falta de materiais didáticos específicos. Apesar desses obstáculos, as potencialidades da abordagem interseccional são significativas. Ela permite uma exploração mais rica das identidades sociais dos/as alunos/as e promove uma educação mais inclusiva e crítica.

Por fim, as conclusões deste estudo sugerem que, ao superar os desafios e integrar abordagens interseccionais no ensino de línguas, os/as educadores/as podem criar um ambiente de aprendizado mais engajador e reflexivo. A música, especialmente “Imagine”, pode desempenhar um papel crucial nesse processo, facilitando discussões significativas e contribuindo para a formação de cidadãos mais conscientes e socialmente responsáveis. A continuidade da pesquisa nessa área e o desenvolvimento de novos recursos pedagógicos são recomendados para aprofundar a compreensão e a aplicação de temas interseccionais no ensino de línguas.

Referências

BEAUVOIR, S. **O segundo sexo**. Tradução de Sérgio Milliet. 4. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BUTLER, J. **Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?** Tradução de Sérgio Tadeu de Niemeyer Lamarão, Arnaldo Marques da Cunha; revisão da tradução de Marina Vargas; revisão técnica de Carla Rodrigues. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

BUTLER, J. **Who's Afraid of Gender?** Nova York: Ferrar, Straus and Giroux, 2024.

CONNELL, R. **Gender in World Perspective**. Cambridge: Polity Press, 2009.

CRENSHAW, K. Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics. **University of Chicago Legal Forum**, v. 1, 1989. p. 139–167.

CRENSHAW, K. **On Intersectionality: Essential Writings**. Nova York: The New Press, 2017.

DENZIN, N.; LINCOLN, Y. The discipline and practice of qualitative research. *In*: DENZIN, N.; LINCOLN, Y. (ed.). **The landscape of qualitative research**. 4. ed. Thousand Oaks: Sage Publications, 2013. p. 1–41.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.

FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. 2. ed. São Paulo: Editora UFBA, 2008.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. 21. ed. São Paulo: Loyola, 2011.

GAROFALO, I. **Imagine: an anthem for peace and solidarity, 1971–2018**. 2018. 62 f. Dissertação (Mestrado em Musicologia aplicada) — Utrecht University, Utrecht, 2018.

GOBBI, D. **A música enquanto estratégia de aprendizagem no ensino de língua inglesa**. 2001. 133 f. Dissertação (Mestrado em Letras) — Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.

HOOKS, B. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

HOOKS, B. **Teaching to Transgress: Education as the Practice of Freedom**. Nova York: Routledge, 2017.

KAWACHI, C. J. **A música como recurso didático-pedagógico na aula de língua inglesa da rede pública de ensino**. 2008. 142 f. Dissertação (Mestrado em Letras) — Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara, 2008.

KRIEGER, M. The politics of John Lennon’s “Imagine”. *In*: SINGER, B.; SINGER, B. (org.). **The politics of music and the culture of the Cold War**. Londres: Routledge, 2015. p. 285–298.

LINARDI, D. A canção “Imagine” interpretada por John Lennon: reflexões acerca do paradigma “utópico”. **Outras Fronteiras**, Cuiabá-MT, v. 7, n. 1, p. 1–26, jan./jul. 2020.

LOFRANO, A. C. **O fator espontaneidade-criatividade na obra dos The Beatles**. 2016. 106 f. Dissertação (Mestrado em Educação) — Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016.

LOURO, G. L. Pedagogias da sexualidade. *In*: LOURO, G. L. (org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2016. p. 38–40.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MELLO, H. A.; REES, D. K. A investigação etnográfica na sala de aula de segunda língua/língua estrangeira. **Cadernos do IL**, n. 42, p. 30–50, junho 2011. DOI <https://doi.org/10.22456/2236-6385.26003>

SCHOEPP, K. Reasons for Using Songs in the ESL/EFL Classroom. **The Internet TESL Journal**, v. 7, n. 2, 2001.

STAKE, R. Case studies. *In*: DENZIN, N.; LINCOLN, Y. (ed.). **Handbook of qualitative research**. Londres: Sage, 1999. p. 132–137.

YIN, R. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.